

Areias, 6,7,1909

3ª_ P x P (Se você jogar
B x P, eu respondo: BR_ 3D)

Rangel:

Em mãos a tua de 1º, chegada ontem. Ando com medo de começar. Nunca escrevi contos e não sei se me será coisa possível. O que eu considerava contos, se releio agora me sabem a crônicas com pretensões humorísticas. No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pinceis a sério (pois sinto uma nostalgia profunda ao vê-los_ *sinto uma saudade do que eu poderia ser* se me casasse com a pintura), arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras. Minha impressão predominante é puramente visual. Ora, sendo eu assim, vejo-me em apuros com os teus empurrões para a realização imediata.

Vou tentar_ mas bem desesperançado. Se até aqui não produzi um só conto que mereça tal nome, isso demonstra minha inaptidão para esse gênero literário. O único livro de que me acho capaz é uma espécie de *Journal des Goncourt*. E do meu Diário eu poderia extrair um volumezinho. Mas, contos Rangel... Vejo-te, porém, tão animado que não me animo a vir com água fria_ e vou começar.

Não encontrei o Kipling. Onde parará? Como de Tolstói só conheces a *Sonata de Kreutzer*, vou mandar a *Ana Karenina*, que o Julinho anda a ler. E com *Clair de Lune* mando *Boule de Suif*, que a crítica dá como o melhor de Maupassant. Chamo a tua atenção para o último conto, *Une Soirée*, uma coisa verdadeiramente única. Mas faça-os voltar, não como veteranos vindos duma guerra estropiadora, sim como turistas que voltam duma viagem de recreio. O pobre do Paul de Saint-Victor chegou bem “doente”, apesar de ser todo super-homens e deuses. O *Filho Prodigio* do Hall Caine fez como o filho prodigo da Bíblia: chegou tão escalavrado e perrengue que lá baixou à enfermaria do encadernador. Ao que parece, você só tem amor à substância do livro. Despresa-lhe o corpo_ a vil matéria.

Quanto ao teu espiritismo, acho que deves encosta-lo e só pensar nos contos. Metido com médiuns e em sessões, acabas mediúnico, astral, sideral e imprestabilizado para a literatura. Temos muito tempo de ser espíritos; aproveitemos este momentinho em que somos carne. Divisão de trabalho, especialização de funções. Se pudesse cochichar ao ouvido de dona Bar longe de você, dir-lhe-ia que te proibisse andar às voltas com almas penadas, mormente agora que tens o Nelo e o Livro a te pedirem todos os cuidados.

Inferno Verde é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original, se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que impões ao leitor um grande esforço de atenção_ e isso cansa. Coelho Neto precisa podar palavras. Alberto Rangel precisa desdobrar frases. O Ricardo não entendeu muita coisa do livro e porisso exaltou-o tanto. Eu tambem não entendi, mas tenho a coragem de não esconder a minha insuficiencia atrás do tamanho do homem. E adeus.

LOBATO